

EDITORIAL

Deise Luiza da Silva Ferraz¹

Prezados leitores

Prezadas leitoras,

Esta edição é especial para mim. Tomo, assim, a liberdade de, antes da apresentação dos textos que a compõem, expressar o duplo sentimento de chegar até aqui: alegria pelo dever cumprido mesclado com o pesar tão comum a cada despedida.

Nesta última etapa junto à RBEQ, como editora-chefe, foram três anos, nove edições e muitos e muitos artigos que passaram pelo meu olhar. Não cabe aqui um relatório dos resultados alcançados e não alcançados, este ficará para a Assembleia anual da Sociedade; tampouco um resgate de como a RBEQ está imbricada ao meu processo de tornar-me pesquisadora da área de Estudos Organizacionais, graças ao apoio atento do saudoso professor Marcelo Milano e da parceria do Professor Elcemir Paço Cunha desde a época da elaboração do Projeto da RBEQ. Neste pequeno espaço, cabe apenas agradecer. Agradeço a confiança dispensada a mim por todos os associados e associadas da SBEQ. Igualmente agradeço as duas gestões que acompanhei e o respeito que ambas tiveram quanto a autonomia da Revista em relação à Sociedade. Agradeço a cada autor e a cada autora que, comigo, construíram respeitosamente todas as etapas necessárias ao processo de publicação a despeito do resultado que cada texto obteve. Agradeço a cada avaliador e a cada avaliadora pelo tempo despendido à RBEQ e pela compreensão quanto às cobranças de prazo. Agradeço, nominalmente, a Barbara Cristina da Silva, Paula Cristina Fernandes e Lucas Baeta,

¹ Editora-chefe da Revista Brasileira de Estudos Organizacionais. Professora Adjuntano Departamento de Ciências Administrativas e Professora Permanente do Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - Cepead - da Faculdade de CiênciasEconômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Núcleo deEstudos Críticos Trabalho e Marxologia (NEC-TraMa). Doutora, Mestra e Bacharela emAdministração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

integrantes da Rede Trabalho e Marxologia (Rede-TraMa) que me apoiaram, na maior parte do tempo de maneira voluntária, com o trabalho de diagramação e organização das edições.

Trabalho voluntário, eis o alicerce da RBEQ. Autores, pareceristas, editores de chamadas especiais, editoria-chefe... é muito trabalho colaborativo e gratuito! Se por um lado isso mostra a força que tem um projeto coletivo, por outro é apenas um pequeno indício de como a ciência é considerada neste país.

Não restam mais dúvidas que nossa realidade é determinada pela falta de recursos e por uma estrutura institucional que induz, na maioria das vezes, a um trabalho individual, isolado e adoecedor dentro da acadêmica. Guardando relativa semelhança à imagem de capa desta edição *Isolamento* de Vladimir de Oliva Mota. Parece que, a despeito de todos os avanços da ciência e da tecnologia, pouca coisa mudou de fato na realidade da sociabilidade capital. Infelizmente, o texto de André Amorim e José Henrique de Faria indicam que a ausência de mudanças essenciais não é mera impressão desta que escreve. Afinal, na pesquisa intitulada "*Massive labor cooperation in android development: a change or an expansion of capitalist labor?*" os autores apreendem as alterações na cooperação no processo de trabalho a partir da análise do projeto de desenvolvimento Android da Google e concluem que, apesar das alterações, essas ainda não autorizam decretar o fim das categorias clássicas marxianas enquanto expressões do real.

Um real que é constituído por condições de desigualdades. Tema que permeia alguns textos, ainda que, partindo de diferentes concepções. Como no caso do trabalho de Antonio Ribeiro "Netdoms e empreendedores institucionais: o caso dos Fóruns de Combate à Corrupção em três Estados do Nordeste brasileiro". Neste texto, o autor demonstra, por meio da análise de Redes, que a distribuição desigual de habilidades impacta nas inovações institucionais. Se isso ocorre no nível das instituições, imaginem nos desdobramentos das desigualdades para a transformação radical.

Quiçá, um dos obstáculos às alterações substanciais esteja na capacidade de absorção, por parte do capital, de nossas reivindicações históricas. O texto de Ricardo Rohm, Gabriel Valuano, José Alcântara e Lucas Martins, em certa medida, testemunha isso, pois eles nos revelam a triste, mas não surpreendente, realidade: o compromisso empresarial com a comunidade LGBTQIA+ não passa dos limites que há com a preocupação da Gestão da Imagem Organizacional.

Mas a cada ofensiva, resistências. O texto de Érica Siqueira, Francisco Lopes da Silva e Mauricéia Henrique Silva nos brindam com uma análise que, para além de divulgar a arte de uma comunidade, nos aponta que mesmo não havendo luz no fim do túnel, não ficaremos na escuridão se soubermos, pela resistência, acender nossas velas.

Muitas vezes, acender velas passa por provocar temporais de ideias. E essa foi a empreitada assumida pelos três textos apresentados a seguir.

O texto de Guilherme Tres, Marcel Dantas, Diego Cordeiro e Mil D'Anjour, com seu tom provocativo, assenta as bases para um pensar sobre a prática do Marketing a partir da área de Estudos Organizacionais. Ao colocar no centro da discussão a promoção de medicamentos operada pela indústria farmacêutica que transforma um bem voltado à saúde humana em uma mercadoria lucrativa para o capital.

O texto de Ana Júlio e Letícia Fantinel propõe ao campo de estudos organizacionais pensar a Pandemia de Covid-19 para além de uma visão dicotômica e antropocêntrica ampliando o poder explicativo desse momento histórico por meio de uma ontologia relacional. Com certeza, as autoras propõem rupturas.

Um chamamento à uma ruptura ontológica também é realizada por Rossi Henrique Chaves e David Silva Franco no texto "*Crítica ontológica-materialista ao campo científico da gestão social*", no qual demonstram a necessidade de superação da perspectiva idealista hegemônica no campo da Gestão Social para que se possa construir possibilidades emancipatórias não utópicas.

Para fechar esta edição, com a tarefa da construção de uma emancipação real, o ensaio fotográfico assinado por Ives Tavares do Nascimento, Cinthia dos Santos e Mairla Alencar nos recorda o ponto concreto de partida de cada um e cada uma de nós enquanto pesquisadores e pesquisadoras das organizações: nossos locais de atuação.

As imagens desse ensaio trazem reflexões sobre o sentimento de ausência decorrente da adoção das medidas de isolamento social que esvaziaram, inclusive, os campi universitários. Que as imagens da UFCA sejam as velas acendidas pela nossa resistência. Que elas nos fortaleça para realizarmos a vida universitária que hoje pulsa por meio de bytes, mas que breve pulsar novamente em cada sala de aula, corredor, gramado, cantina, bibliotecas, centros acadêmicos... e, assim, seguiremos resistindo e lutando pela educação, pela ciência e por melhores condições de trabalho nas Universidades e institutos Federais, porque gratuito

não tem que ser o nosso trabalho, mas sim a saúde e a educação, ambas universais e socialmente referenciadas.

Nesse tom de resistência e luta, desejo ao próximo editor ou a próxima editora da RBEQ um ótimo trabalho e vida longa a esse nosso projeto coletivo!